



DEMOGRAFIA

Vive-se mais e melhor em Brasília

Expectativa de vida do morador do DF encosta nos 80 anos, a maior do país. Em média, os homens vivem menos que as mulheres

» RAFAELA BOMFIM*

O Distrito Federal registrou, em 2024, a maior expectativa de vida do Brasil, alcançando média de 79,7 anos, segundo a Tábua da Mortalidade divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O dado representa aumento de 1,8 mês em comparação com 2023 e mantém o DF na liderança entre todas as unidades da Federação. As mulheres brasilienses vivem, em média, 82,9 anos — bem mais que os homens, que têm média de vida de 76,3 anos. O levantamento integra as Projeções da População, atualizadas anualmente pelo instituto e que são referência para políticas públicas.

A discrepância entre homens e mulheres se acentua quando observadas faixas etárias específicas. Entre jovens de 20 a 24 anos, a sobre-mortalidade masculina chegou a 3,7 vezes, indicando um risco desproporcional para essa população. O fenômeno está associado ao peso das mortes por causas externas, como acidentes e violência, que afetam de forma mais intensa os homens jovens. No cotidiano do DF, porém, a longevidade crescente aparece também nos relatos de quem atravessou episódios graves de saúde e, mesmo assim, mantém uma rotina ativa.

Moradora do Jardim Botânico, Margareth Catelli, 74 anos, relatou que teve covid — “que quase me levou” — e, depois, foi diagnosticada com câncer. Ela lembra que enfrentou as duas doenças em sequência. “Achei que tinha acabado tudo, porque eu ainda estava me recuperando do pulmão afetado pela covid”, lembra.

O tratamento, segundo ela, mudou sua relação com o cotidiano. “Conheci médicos, enfermeiras e todo esse atendimento que faz a gente enxergar que dá para continuar vivendo.”

Hoje, Margareth trabalha diariamente. “Eu levanto às 5h45 da manhã e trabalho até as 3h da tarde. A gente faz delivery de marmelada. Levo uma vida normal, mesmo com um pouco de limitação”, afirma. Os desafios, explicou, fazem parte do processo.

“Tenho dificuldade de andar por causa do joelho e fiquei mais travada por conta do tratamento, mas isso não me impede de sair, viajar e trabalhar. É um tratamento

Arquivo Pessoal



Mesmo com problemas de saúde, Margareth leva vida normal, aos 74 anos

difícil, mas a gente consegue passar por isso”, disse ela.

Efeito pandemia

No cenário nacional, a expectativa de vida chegou a 76,6 anos em 2024, um crescimento de 2,5 meses em relação a 2023. Entre os homens, o índice subiu para 73,3 anos; entre as mulheres, para 79,9 anos. A pandemia provocou uma queda significativa da longevidade média em 2021, quando a expectativa de vida recuou para 72,8 anos. A recuperação, a partir de 2022, mostra o gradual retorno aos padrões anteriores.

A longevidade brasileira aumentou de forma expressiva no período. Em 1940, um brasileiro vivia, em média, 45,5 anos. Em 2024, a expectativa chegou a 76,6 anos — um acréscimo de 31,1 anos (**verja no quadro**). O estudo também detalha a evolução entre idosos. Quem chega aos 60 anos, hoje, deve viver, em média, mais 22,6 anos, sendo 20,8 para homens e 24,2 para mulheres. Em 1940, esse tempo adicional era de apenas 13,2 anos.

Entre as pessoas com 80 anos de idade, a expectativa é de mais 9,5 anos de vida para mulheres e de 8,3 anos para homens, contrastando com os cerca de quatro anos estimados há oito décadas.

A tendência segue padrões internacionais: países como Mônaco, San Marino, Hong Kong, Japão e Coreia do Sul apresentam as maiores expectativas de vida ao nascer no mundo.

O conjunto dos dados mostra que o envelhecimento da população brasileira é acelerado e consistente, com destaque para o Distrito Federal, que segue acima da média nacional e mantém índices superiores em todos os recortes divulgados pelo IBGE.

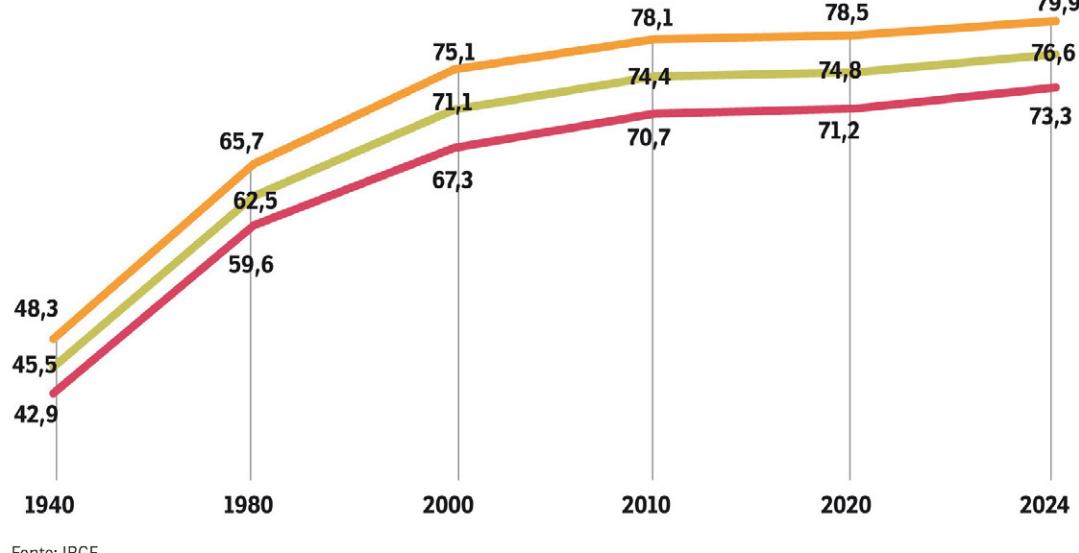
Fonte: IBGE

Muitos anos de vida

As mulheres têm expectativa de vida maior que os homens



EXPECTATIVA DE VIDA (em anos)



CB.AGRO

Os desafios do café especial candango

» PEDRO JOSÉ*

O Distrito Federal reúne condições naturais e tecnológicas que permitem alcançar índices elevados de cafés especiais. Foi o que afirmou o produtor de café Carlos Coutinho, em entrevista, ontem, ao CB.Agro — parceria do Correio com a TV Brasília.

“Os cafés especiais, os melhores cafés do mundo, são produzidos em regiões de altitude, acima de 1.000 metros. Esse é um pré-requisito básico. Nós estamos acima de 1.000 metros. E temos outras características, alguns aspectos favoráveis e outros desfavoráveis. A questão do nosso inverno longo, que é ruim para cafeicultura, nós resolvemos com irrigação. A

questão de solo, nós resolvemos. No Cerrado como um todo a tecnologia mudou. Olhando para o passado, o Cerrado tinha terras imprestáveis para a agricultura. Então, nós resolvemos com correção do solo e com adubação,” disse ele aos jornalistas Carlos Alexandre e Sibele Negromonte.

A pós-colheita é determinante na diferenciação do produto, explica o cafeicultor. A separação entre o grão verde, maduro e seco ocorre ainda no início do processamento, com técnicas mecânicas que substituem o método manual, geralmente restrito a pequenas propriedades. “Há 20, 30 anos atrás, café especial era exclusivo de pequena produção. Hoje, o Brasil conseguiu mudar isso, nós

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Carlos Coutinho: “Pequenos produtores dependem de financiamento”

conseguimos fazer isso em médias e grandes propriedades também”, comparou Coutinho.

No DF, a predominância é de

pequenos produtores. Segundo Coutinho, dados da Emater apontam que há pouco mais de 100 propriedades com café, e mais de 90% delas com produção de menor escala. O produtor destaca que a estrutura local difere de polos como Cristalina e Unaí, que concentram unidades de maior porte.

A secagem é feita de forma controlada em secadores rotativos. A adoção de temperaturas estáveis reduz o risco de perdas. O processo pode levar mais de 36 horas para garantir que o grão seque por completo. Coutinho afirma que a modernização permitiu que médias e grandes propriedades adotassem essas práticas, ampliando o volume nacional de cafés especiais destinados ao mercado externo.

A organização produtiva é apontada por Coutinho como um dos principais desafios. Em estados líderes da cafeicultura, a atuação em cooperativas e associações viabiliza acesso a mercados e aquisição de insumos. “Estão surgindo algumas iniciativas importantes nessa linha. No café, nós temos a criação de uma associação importante, chamada

Elo Rural, criada pelas mulheres lá do Lago Oeste” explicou.

A regularização fundiária é considerada o maior entrave para o setor. Segundo Coutinho, produtores enfrentam dificuldades no acesso ao crédito rural, já que muitas propriedades não têm documentação que permita usar a terra como garantia dos empréstimos. “Os grandes conseguem antecipar a venda da produção, mas os pequenos dependem do financiamento bancário”, explicou.

Coutinho também citou os impactos recentes dos eventos climáticos. “Tivemos seca nas regiões produtoras nos últimos dois anos, e tivemos outras geadas. Nos últimos anos, a produção do café foi baixa e estamos com estoque de café reduzido, o que elevou os preços.

*Estagiários sob a supervisão de Vinicius Doria